

SAUDAÇÃO À ACADÊMICA MÁRCIA PERALES MENDES SILVA

29 de novembro de 2013

Acadêmica Rosa Mendonça de Brito

Senhor Presidente,
Ilustres confreriras e confrades,
Digníssimas autoridades,
Estimados colegas professores e amigos
Caríssimos familiares de Márcia Perales,
Senhoras e Senhores,

Distinguida pela Presidência desta Casa para saudar a professora doutora Márcia Perales Mendes Silva, uma pergunta que fiz neste plenário, na noite de 18 de novembro de 1994, continua a inquietar-me.

Noventa e cinco anos deste Templo do saber! Quarenta espaldares dourados! Apenas quatro mulheres. Fez silêncio esta Casa à obra de outras merecidas inteligências femininas? Deixaram-se as mulheres reprimir pelo determinismo cultural? Ou terá sido o recolhimento em que muitas se acomodam, a causa de tamanha disparidade? Naquele momento, 76 anos da Academia, eu seria a segunda mulher a ingressar no Silogeu, Violeta Branca, 50 anos antes, a primeira. Logo em seguida, ainda em 1994, chegava para abrilhantar a Casa de Adriano Jorge a confrreira Carmen Novoa e, 17 anos depois, em 2011, Mazé Mourão e Marilene Corrêa transpunham

o pórtico da imortalidade acadêmica projetando novas luzes no Salão do Pensamento Amazônico.

Após dezenove anos da inquietação lançada aos membros da Academia, a honra e a alegria de ver nesta noite, ultrapassando os umbrais da Casa de Péricles, mais um vulto feminino. A chegada de Márcia Perales Mendes Silva, consagrada pelo voto soberano da urna, é para nós uma indicação de que, apesar de lenta, a composição do sodalício se altera e diz ser possível antever maior representatividade feminina nesta Casa.

Como instituição guardiã de feitos intelectuais dos humanos, cabe  Academia apresentar, em noites como esta, o perfil daqueles que nos chegam. Por minha voz, a Academia lhes dirá que a acadêmica que nos chega tem direcionado, desde 1986, sua energia e inteligência para os fazeres da educação, trabalho que reputo dos maais importes porque a educação, ao cuidar do desenvolvimento moral e intelectual do ser humano, possibilita vislumbrar e construir pelo uso da inteligência, da razão, do pensamento, da reflexão e da ação os caminhos que levam ao respeito pela dignidade da pessoa humana e aos fazeres pautados em princípios morais que podem, levando em conta a sabedoria científica, a sabedoria do mundo e a sabedoria da vida, enaltecer a humanidade.

É com essa visão de mundo que nos chega Márcia Perales, cuja existência está comprometida com as causas sociais. Mulher de idéias e de ações tem contribuído significativamente com outros intelectuais e educadores para a formação de gerações e o

desenvolvimento social e cultural do Amazonas, sua terra, sua morada. A mente que nos chega vem para, juntamente com os demais membros desta Casa, aprofundar e construir, no diálogo com as ciências, os estudos sobre o homem e seus fazeres. É com esse ideal que toma assento entre nós esta educadora que se fez e se faz respeitar por sua laboriosa e reconhecida atividade profissional nas salas de aula, na pesquisa, na extensão e na gestão universitária, onde tem se dado por inteiro a todas as tarefas empreendidas.

A ela a honra de ter sido a primeira mulher a ocupar a Reitoria da Universidade Federal do Amazonas, justo no momento em que a primeira universidade brasileira se fez centenária. Chegou ao honroso posto não por dádiva, mas pelo sufrágio nas urnas, justo reconhecimento aos seus feitos e vividos naquela instituição, nossa Casa, Casa de muitos de nós. Por suas realizações recebeu da sociedade, entre muitos outros, os prêmios: Personalidade Amazônica 2011 – Premio Samuel Benchimol e Banco da Amazônia de Empreendedorismo Consciente; Mulher de Destaque na Sociedade Manauara, outorgado pela Câmara Municipal de Manaus; e Cidadã Benjaminense, conferido pela Câmara Municipal de Benjamin Constant.

Vem de Jaspers o ensinamento de que é sempre completa a vida de cada um de nós, qualquer que seja a sua duração. Mas sua utilidade não se mede pelo número de anos vividos, senão pelo sentido que lhe é dado. Porque a grandeza potencial da vida dos mortais tem a ver com sua capacidade de produzir obras, feitos e palavras, a

existência humana pode ser longa e, apesar disso, não ser vivida plenamente. Apesar de sua mortalidade física, ao deixar atrás de si vestígios imorredouros é possível ao homem alcançar a imortalidade intelectual que não permite que a mente humana desapareça com o corpo, porque restará sempre alguma coisa que é eterna, que jamais será esquecida, por isso mesmo, sobreviverá em suas características individuais, imortalizada na memória dos homens e na história.

Dando-se à tarefa de legar aos pósteros algum vestígio de sua *vida activa*, a inteligência humana atinge uma forma de permanência, de imortalidade potencial que é “continuidade no tempo, vida sem morte nesta terra e neste mundo”. É esta, Senhoras e Senhores, é esta a imortalidade que a Academia Amazonense de Letras concede a Márcia Perales Mendes Silva ao recebê-la, nesta noite, como Membro Efetivo deste Silogeu.

Testemunhas de um tempo em que o conhecimento do universo e da vida conseguiu surpreendente progresso, testemunhamos, também, inúmeros acontecimentos que levam à diluição do homem e à certeza de que mesmo estando no mundo, ainda não é dado ao homem conhecer ou viver a totalidade desse mundo. A compreensão de que a vida não é representada apenas por um corpo vivo, mas essencialmente, pelas vivências onde se entrelaçam interioridades e exterioridades, nos leva a afirmar com Jaspers que “o homem que somos e parece a própria evidência é, no entanto, a mais enigmática dentre todas as criaturas” e que é, com os outros homens, outros seres enigmáticos, seus companheiros de

destino, que o ser humano se hominimiza para realizar a sua humanidade. Humanidade na qual não se satisfaz em ser, numa quietude fechada em si mesma, aquilo que já é.

A vontade de conhecer, ao mesmo tempo corajosa e temerária, leva o homem a transformar as metas alcançadas em novos pontos de partida. Será pelas ações sobre si mesmo e sobre o mundo que ele dominará a vida e se ultrapassará. Esta a tarefa a que se propõem aqueles que se dedicam a participar da formação de outros homens e à construção e transmissão de antigos e novos conhecimentos. Esta, a tarefa a que Márcia Perales se propôs ao compor o quadro de docentes da Universidade Federal do Amazonas e, a partir de agora, se propõe na Academia Amazonense de Letras.

Senhor Presidente,

Caríssimos pares,

Senhoras e senhores:

Márcia Perales Mendes Silva nasceu em Manaus, no dia 27 de abril de 1964. É filha de José Austregesilo Mendes e de Flávia Perales Mendes e, ainda, de um momento conturbado da nossa história, o golpe militar de 64. É casada com Luis Leopoldo Silva e mãe de Lucas e Felipe. Profissionalmente é Assistente Social e professora do Departamento de Serviço Social do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFAM.

Não compartilhei com Márcia da sua infância e adolescência, tampouco da sua formação no ensino fundamental e médio realizada entre os anos de 1971 e 1981, como bolsista no Colégio Santa

Dorotéia. Também não compartilhei da sua formação universitária como estudante do Curso de Serviço Social da UFAM, realizado no período de 1982 a 1985. Não vivenciei os primeiros anos da sua vida profissional na UFAM, iniciada em fevereiro de 1986. Destes momentos as informações me chegam através de seu riquíssimo currículo e de conversas particulares. Meu encontro pessoal com Márcia Perales ocorreria um pouco mais tarde, no decurso de nossos fazeres acadêmicos na Universidade Federal do Amazonas, espaço profissional partilhado por ambas. Eu atuando no magistério da Filosofia no ICHL, e da Pedagogia no Programa de Pós-Graduação em Educação, ela no magistério de Serviço Social.

Uma aproximação maior se daria quando, em 1992 a competente professora se tornou, por pouco tempo, aluna do Mestrado em Educação, primeiro curso de Mestrado criado na Região Norte, do qual sou decana e integro seu corpo docente desde 1985, data de sua criação. Ali, no meu magistério, a estima pela pessoa e a admiração por sua inteligência cresceram. Convivência suspensa porque Márcia participaria, com êxito, da seleção do Mestrado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para onde se dirigiu e deu continuidade aos estudos de pós-graduação *stricto sensu*, obtendo, em 1995, o título de Mestre em Serviço Social defendendo a Dissertação intitulada “Da Formação Acadêmica ao Exercício Profissional: a construção discursiva dos Assistentes Sociais”. Ali também conquistaria, no ano de 2000, o título de Doutora em Serviço Social ao defender a tese “Expressões do Mundo do Trabalho Contemporâneo:

um estudo sobre os trabalhadores do Distrito Industrial da Zona Franca de Manaus”.

Concluídos os estudos, retorno às atividades na UFAM em 2005, uma nova aproximação. Desta feita, ela Pró-Reitora de Extensão e Interiorização, eu Diretora da Faculdade de Educação. Naquele momento entrelaçamos as mãos e as mentes para a realização de alguns trabalhos, dois dos quais envolviam grandes desafios: o primeiro, a implantação de Unidades Acadêmicas no interior do Estado do Amazonas, o segundo a organização e execução das comemorações dos 100 anos da UFAM. Aquele, a implantação de cinco Unidades Acadêmicas no interior, foi um trabalho que considero dos mais importantes da minha carreira universitária. O grande valor atribuído a tal realização não decorre, apenas, do processo de implantação em si mesmo mas, fundamentalmente, pelo significado da ação para aqueles que vivem no seio das matas, nas barrancas dos rios e nas pequenas cidades do interior do Amazonas. Aqueles que passaram a sonhar um sonho já não mais sonhado, a realização de um curso superior.

Em ambos, para além do papel de educadoras, tínhamos diante de nós árdua tarefa administrativa e política. No desempenho daquelas missões convivi muito de perto com as dimensões: individual, intelectual, moral e profissional de Márcia Perales. Ali, a convivência nos levou a transpor os níveis do coleguismo e do companheirismo para atingirmos um nível bem mais profundo, o nível

da amizade. Amizade que partilho com orgulho, porque se tratar de amizade por uma pessoa que reputo digna e competente.

Senhor Presidente,

Digníssimos confrades,

Senhoras e Senhores:

Dito dos vividos, falemos dos feitos de Márcia Perales como integrante do corpo docente da UFAM e intelectual voltada para registrar, preservar, formular, debater, validar, promover e transmitir conhecimentos nas funções de professora, administradora, extensionista e pesquisadora que lhes proporcionaram a condição de Membro Efetivo desta Casa.

Como professora do Curso de Serviço Social do ICHL, Márcia Perales tem desenvolvido suas atividades em nível de graduação e de pós-graduação: Na graduação ministrou, até o momento, as disciplinas: Trabalho e Contemporaneidade; Introdução ao Serviço Social; Serviço Social e Instituição; Serviço Social na Área Empresarial; Teoria do Serviço social; Pesquisa em Serviço Social; Planejamento em Serviço Social; Ética Profissional; Estágio; Gestão e Planejamento.

Na Pós-Graduação, como professora do Programa Sociedade e Cultura na Amazônia, foi responsável pelas disciplinas: Gestão das Políticas Sociais na Amazônia; Crises Capitalistas e Reestruturação Produtiva; Trabalho e Contemporaneidade; Metodologia da Pesquisa Científica; Pesquisa em Serviço Social; e Seminário de Pesquisa.

Ainda na condição de professora, orientou 04 Dissertações de Mestrado; 02 Monografias de Especialização; 13 Trabalhos de Final de Curso e 12 Projetos de Iniciação Científica.

Como gestora na Universidade Federal do Amazonas, Márcia Perales tornou-se, em 2009, como já foi dito, a primeira mulher a ocupar o cargo de Reitora da UFAM e Presidente da Fundação Universidade do Amazonas. Na condição de Reitora preside os três Conselhos Superiores: CONSUNI, CONSAD e CONSEP e mais, o Conselho de Administração do Hospital Getúlio Vargas e o Conselho Gestor do Hospital Francisca Mendes. Concomitantemente, desempenha as funções de Membro da Diretoria Regional da Associação Nacional dos Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior – ANDIFES, na Comissão Nacional de Pós-Graduação; e de Membro do Conselho Deliberativo do CEBRAE. Foi, também, Presidente do Fórum de Reitores da Região Norte, no período de 2009/2011.

Antes disso desempenhou, dentre outras, as funções de: Membro do Comitê Assessor Local do PIBIC de Ciências Sociais Aplicadas; Chefe do Departamento de Serviço Social; Coordenadora do Curso e do Colegiado de Curso de Serviço Social; e Vice-Coordenadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade Natureza e Cultura na Amazônia.

Nas atividades de extensão, além de ter sido Pró-Reitora, desenvolveu mais de 15 projetos visando colocar em prática, com e nas comunidades, novas ideias e orientações. Neste campo de atuação

foi Presidente da Comissão do Centenário da UFAM; Coordenadora do Programa de Extensão Universitária Sem Fronteiras; do Programa Atividade Curricular de Extensão – PACE; do Convênio de Implantação dos Campi e Centro de Antropologia; e do Projeto Diminuindo Contrates. Trabalhou na elaboração do Diagnóstico Sócio-econômico para o Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus, junto ao Banco Mundial e no Projeto de Cooperação entre a Amazônia Celular e a Universidade Federal do Amazonas.

No campo da pesquisa foram mais de 20 projetos desenvolvidos por Márcia Perales, todos eles a debater e demonstrar a sua inquietação e, muitas vezes, a sua inconformidade e indignação com o tratamento dado as questões do trabalho no chão de fábrica; da criança e do adolescente, em especial das violações de seus direitos; e da formação e atuação dos assistentes sociais em Manaus.

Quem perlustrar o itinerário intelectual de Márcia Perales há de notar que a produção que a Casa de Adriano Jorge acolheu deságua no vasto estuário das questões sociais, em especial na discussão, reflexão e encaminhamento de questões da sociedade amazonense. Seus estudos e pesquisas foram e são divulgados em livros, artigos em Revistas e Anais; expostos e debatidos em congressos e seminários locais, nacionais e internacionais.

Senhoras e Senhores,

Ainda em cumprimento à ritualística acadêmica, devo falar dos escritos de Márcia Perales, para tanto escolhi dizer de forma brevíssima, apenas do conteúdo e sentido do seu livro intitulado

“Expressões do Mundo do Trabalho Contemporâneo: um olhar para os trabalhadores do Parque Industrial de Manaus, escrito em 2000 e publicado pela EDUA, em 2010.

Nele as preocupações, idéias reflexões de Márcia Perales são desenvolvidas em quatro grandes eixos: 1) A nova ofensiva do capital na Amazônia, 2) As expressões dos operadores de produção do distrito industrial de Manaus, 3) O perfil dos Trabalhadores do Distrito Industrial e 4) As expressões das Assistentes Sociais do Distrito Industrial de Manaus. O conteúdo do livro coloca em evidência com bastante clareza, a realidade do Distrito Industrial de Manaus e as consequências advindas das metamorfoses por que passava aquele campo de trabalho no momento da realização da pesquisa em função, como expõe, da implantação de políticas neoliberais que levavam à reversão de direitos trabalhistas; a fragilização das formas organizativas dos trabalhadores; a evangelização da competitividade; a santificação do mercado; o “envolvimento” e “participação” dos trabalhadores através do consentimento passivo, denominado de CONSENSO.

Dialogando com alguns teóricos, entre os quais: Mandel, Harvey, Mezaros, Mattoso e Gramsci, Márcia Perales afirma, em consonância com as idéias dos referidos pensadores, que a força propulsora de toda atividade capitalista é o lucro e que o descompasso entre a produção e a circulação de mercadorias leva à crise do capital que se manifesta na queda da taxa de lucro. Afirma, ainda, que tais

questões não aparecem como “acidentes de percurso”, mas como fatores estruturais influenciados por fatores conjunturais.

Suas análises demonstram que a instalação da crise leva o capital a buscar novos caminhos, a definir novas políticas com vistas a superá-la e, com isso, reestruturar-se em novas bases em busca da lucratividade perdida. Trata-se, diz Márcia, de um novo *ethos*, sobretudo, de novas formas de subordinação do trabalho ao capital fomentadas por uma cultura que tem minimizado as potencialidades da classe trabalhadora para discernir, projetar e agir coletivamente para minimizar as relações sociais de dominação que imperam nas relações de classe.

No particular do Distrito Industrial de Manaus, campo de sua pesquisa desenvolvida no período de 1997/2000, o estudo sobre o trabalho e agentes de trabalho na produção local, sustentado nos fundamentos da fenomenologia, da hermenêutica e da dialética, revela o ser social que tais processos passam a modelar, assim como as formas de organização das mediações realizadas pelos assistentes sociais e os operadores de produção; desvenda esses movimentos na sociedade amazonense e na base da produção do Pólo Industrial de Manaus e apresenta as percepções objetivas do pensamento e da ação da classe operária no Amazonas no momento em que o capital se movia contra as organizações dos trabalhadores em busca da paralisia política, do enfraquecimento do movimento sindical, da passivização das consciências, com vistas à implantação da política de terceirização da mão de obra, da cultura da qualidade “total” e da competitividade,

delineadas através de contornos de “colaboracionismo” e “parcerias” apregoadas pela ideologia neoliberal. Programa-se o novo para manutenção do velho, diz Márcia Perales.

Conclui o estudo afirmando: (abro aspas)

Os trabalhadores vivem os processos de reestruturação produtiva, a globalização e a flexibilização de suas relações de trabalho. Sentem o seu potencial produtivo, a intensificação de sua força de trabalho, as relações de exploração que caracterizam o espaço fabril, a parca remuneração que não lhes permite vida com dignidade. Vislumbram trabalho e vida com qualidade e dignidade. Entretanto, não conseguem dar a inteligibilidade necessária ao viver, ao sentir e ao vislumbrar, limitando-se a “acatar” as novas determinações impostas, pressionados sobretudo, pelo fechamento de postos de trabalho, perda de espaço profissional e alta taxa de desemprego (p. 300). (fecho aspas)

Ao findar esta breve exposição de uma das vertentes do pensamento da novel acadêmica, trago à Tribuna, pela minha voz, as palavras da confreira e cientista social Marilene Corrêa da Silva Freitas, colega e amiga querida desde lá de longe, na Concórdia, no rio serpente, o Juruá, que diz com correção, ao prefaciá-la obra em referência, da importância e do valor do estudo de Márcia Perales.

Abro aspas

A pesquisa de doutorado de Márcia Perales Mendes Silva [...] base original deste livro, torna-se referência obrigatória para os estudiosos da sociedade capitalista contemporânea, de suas estratégias de formação e de reprodução da classe

trabalhadora, de mecanismos e instrumentos do que hoje chamamos de gestão das pessoas, e, ainda, de estudos acerca de tecnologias e processos de relações industriais constitutivos do mundo da produção a partir da apreensão do mundo do trabalho. É, portanto, estudo pioneiro, instigante, de densidade e profundidade teórica incontestáveis, o que já indica traços do trabalho acadêmico cuidadoso, com o rigor que a articulação lógico-empírica exige. (Fecho aspas)

Senhor Presidente,

Caríssimos pares,

Senhoras e Senhores,

Penso haver exposto as razões pelas quais a Academia Amazonense de Letras recebe, celebra e homenageia, nesta noite, a professora doutora Márcia Perales Mendes Silva que nos chega para compartilhar a contemporaneidade deste Silogeu ocupando a Cadeira 21, que tem o patronato do poeta Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha e por antecessores os Acadêmicos Octávio Sarmiento, Leopoldo Peres, Sócrates Bonfim, José Pereira Neto, Plínio Coelho e Luiz Bacellar, os quais reverencio por suas inteligências e feitos.

Acadêmica Márcia Perales Mendes Silva, em nome dos Membros desta Casa dou-lhe as boas-vindas. Tome assento entre nós e “receba as luzes que aqui podem os humanos encontrar pela imortalidade acadêmica”. Seja feliz em nossa convivência.

Com a simbologia do abraço, que diz do respeito, da amizade e do reconhecimento, a todos que nos honram com suas presenças, homenageio.